FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Khazar Masoumi é destaque no 40o Festivale com *Pra Lá de Marrakech*

Por Simone Carleto Fontes[1]

A atriz iraniana Khazar assume por uma noite ser a Sherazade de Mil e Uma Noites. Essa Sherazade conta apenas uma única história ao rei. Uma história que traduz, sob uma perspectiva mítica, acontecimentos históricos do povo iraniano: da repressão dos anos 1980 aos massacres de 2026. O 40º FESTIVALE cumpre sua vocação histórica de vanguarda ao abrigar em sua grade uma obra da magnitude de *Pra Lá de Marrakech*. Em um palco que tradicionalmente celebra a multiplicidade das artes cênicas, o espetáculo atende a expectativa de trazer inovações estéticas, dramatúrgicas e cênicas para São José dos Campos, transformando o teatro em um território de pesquisa e elaboração poética.

No centro dessa engrenagem está a atriz e dramaturga iraniana Khazar Masoumi. Ela propõe um pacto genial com a plateia: encarna a mítica Sherazade, de *As Mil e Uma Noites*. Contudo, subverte o mito fundante. Se a Sherazade original precisava de mil e uma histórias para adiar a própria morte, a Sherazade de Khazar tem a urgência de contar uma única narrativa. No início da encenação, quando se adentra o espaço cênico, a atriz nos recebe e convida para preparar juntamente com o público a cerimônia do seu casamento com o Rei. Apresenta os elementos dos cenários, como os tapetes, e explica um a um como são feitos e alguns de seus significados. Todos os elementos são belos, simbólicos, como as formas de açucar, como cristais, como esculturas a serem raladas sobre o véu que faz cobertura às cabeças dos noivos, segurado por duas pessoas, como uma pequena tenda. Espelho, candelabros com vela, queijo, doces. Aí vem o estalar de dedos, as danças e o mel que é colocado no dedo e inserido na boca do outro. Ela explica que o ato de contar histórias seria realizado na intimidade, mas que ela gostaria que ouvíssemos juntos a história que será

[1] Mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Professora do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Unesp - SP. Professora Formadora e Conteudista do curso de Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Jurada de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes..

contada ao rei. O público se torna testemunha ocular de uma travessia dolorosa e necessária, da história fundante da vida de Khazar, cujo nome se refere à denominação do mar Cáspio em persa. Com seu consentimento, navegamos nesse mar que vai nos remetendo a tantas histórias e significados das opressões sofridas pelas mulheres, as internalizações das travas psicológicas, sociais e sexuais, e a forma de lidar com nossas próprias histórias e medos. Khazar demonstra uma habilidade impressionante em lidar ocm o público, estabelecendo uma comunicação firme e simpática, tendo em vista a pronúncia claríssima, pausada e generosa de seu português impecável.

A dramaturgia, assinada pela própria atriz, constrói uma ponte arrebatadora entre o imaginário mítico do Oriente Médio e a brutalidade documental. Ao invés de fábulas exóticas, o que se desdobra em cena é a ferida aberta da história do povo iraniano: desde os duros anos de repressão na década de 1980 até as feridas ainda sangrentas dos massacres de 2026. A dor do exílio e a resistência de um povo são traduzidas não como um retrato distante, mas através da fisicalidade e da voz de uma mulher que carrega essa memória em seu próprio corpo. Ela substitui a calça jeans que usa no início com a parte de cima do vestido de noiva, pela saia do vestido, um magnífico figurino branco com rendas nas extremidades. Usa também um véu longo preto, que só será retirado quase ao final do espetáculo, quando encena a morte de uma de suas amigas. A calça jeans e uma camiseta representam as vestes do noivo. Na cena de intimidade, que ocorre após uma amigo estender a ela a mão e o colo, um tipo de chicote é o elemento de acolhimento e depois da opção por fazer sentir no corpo o furor das ruas iranianas no enfrentamento aos poderes instituídos. O figurino é uma calcinha preta e um biquini de material sintético preto e alças de correntes prateadas. O prazer que ela relata toma a cena, que faz enxergar no autorrespeito expressado a naturalidade de outras formas de sentir, ser e perceber-se no mundo. É um deslumbre que vai se fechar no relato de Khazar ao microfone. Antes descrito como lugar de discurso do Rei, com uma cadeira alta e uma luz verde, esse microfone é colocado no proscênio e a atriz, estando de costas para o público e de frente para o cenário de tapetes, projeções e videomapping que contextualizam territorialmente e afetivamente a narrativa documental, fala do alto de sua dignidade feminina e poderosamente transformadora. Embora autorreferente do ponto de vista do recorte, o espetáculo trata da humanidade como projeto, frente aos diferentes tipos de violência e autoritarismo como método.

A direção de Luiz Fernando Marques (o Lubi, nome de imensa representatividade no

teatro de pesquisa brasileiro) é vital para que essa narrativa alcance sua potência máxima. Lubi orquestra a encenação fugindo dos estereótipos, apostando na relação íntima com o espectador. A cenografia, concebida por ele em parceria com Juliana Augusta, cria um espaço que é simultaneamente um palácio imaginário e uma zona de conflito contemporâneo, onde o épico e o trágico coabitam.

A textura da peça ganha contornos profundos através da costura técnica. A direção musical e a operação de som de Murilo Lourenço conduzem a pulsação da memória iraniana, enquanto a criação de luz de Juliana Vieira esculpe as sombras dessa Sherazade contemporânea, delimitando o tempo místico e o tempo histórico. O figurino de Lis Santos veste essa contadora de histórias com a dignidade de quem carrega o peso de uma nação.

Com produção da Corpo Rastreado, sob o comando de Anderson Vieira, *Pra Lá de Marrakech* consagra-se como um dos grandes destaques desta 40ª edição. É um espetáculo que nos lembra que o teatro, em sua essência, é o ato de compartilhar histórias e construir imaginários.

A trajetória de Khazar Masoumi é marcada por uma profunda intersecção entre a arte, o direito e o ativismo. Ela é uma atriz, dramaturga e jurista iraniana que, atualmente, é radicada no Brasil, vivendo em São Paulo. Além de sua atuação artística, Khazar Masoumi possui uma sólida formação acadêmica, sendo doutora em Direito Internacional Ambiental. No cenário teatral brasileiro, ela ganhou grande destaque com o espetáculo solo *Pra Lá de Marrakech*, obra com direção de Luiz Fernando Marques (Lubi) na qual ela assina tanto a dramaturgia quanto a atuação. Na peça, ela utiliza a figura mítica de Sherazade (de *As Mil e Uma Noites*) para contar a história de repressão ao povo iraniano — desde os anos 1980 até os massacres recentes em 2026. O espetáculo se propõe a ser um "arquivo vivo" de memórias, afetos e sobrevivência, transformando o ato de narrar em uma ferramenta contra o apagamento da resistência iraniana. Khazar atua também como uma voz ativa na denúncia sobre a repressão e os direitos das mulheres no Irã, abordando frequentemente temas como o uso do hijab, a revolução islâmica e as ações da polícia moral de seu país de origem. Ela também ministra cursos no Brasil voltados para a arte e a cultura do Irã.

Sua obra artística em solo brasileiro tornou-se um convite para que o público não apenas conheça a dura realidade sociopolítica do Irã, mas também reencontre suas próprias vozes de resistência, no sentido macro, e no microcosmo particular, seus desafios internalizados como impossibilidades, mas que podem explodir em satisfação, se houver

coragem de se enfrentar no espelho e lidar com as imagens percebidas. Khazar parece fazer esse exercício, para além de sua imagem refletida em cena, o que a torna ainda mais bela em suas convicções e na forma de externá-las social, política e poeticamente.